

ANAIS DO EVENTO

**IX Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar
VII Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar
VI Feira de Empreendedorismo e
II Congresso de Pós-Graduação da Unifimes**

**Conexões entre Ciência e Cultura:
Inovação, Saberes Populares
e os Desafios do Mundo Atual**

**14/05
a
16/05**



Volume III
**Caderno
Literário**

Realização



**Diretoria
de Inovação e
Empreendedorismo**

Apoio





Coordenadores do Evento:

Dra. Glicélia Pereira Silva
Me. Daniel Resende Freitas

*Anais do IX Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar,
VII Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar,
VI Feira de Empreendedorismo e
II Congresso de Pós-Graduação da Unifimes*

Conexões entre Ciência e Cultura: Inovação, Saberes Populares e os Desafios do Mundo Atual

Volume 3

Caderno Literário

Comissão Organizadora:

Prof. Esp. Aline Rosa de Castro Carneiro
Téc. Adm. Deise K. Xavier Kaisa Oliveira
Profa. Dra. Elisângela Maura Catarino
Prof. Dr. Eric Mateus Nascimento
Prof. Dr. Evandro Salvador Alves de Oliveira
Téc. Adm. Gabriel Brom Vilela
Téc. Adm. Gabryella Malveiras Correa
Téc. Adm. Isabela Souza de Lôredo
Profa. Ma. Juliana Guabiroba
Téc. Adm. Laise Mazurek
Téc. Adm. Isabela Souza de Loredo
Profa. Ma. Lorena Miranda Schmidt
Téc. Adm. Magda Silva Nery
Prof. Me. Nilton Caetano Vilela Filho
Profa. Ma. Pauliane Rodrigues Resende
Prof. Me. Reuber da Cunha Luciano
Prof. Dr. Rogério Machado Pereira
Profa. Ma. Vera Lúcia do Nascimento.
Profa. Dra. Wainny Rocha Guimarães Ritter

Comissão Científica:

Dr. Rodrigo Martins Ribeiro
Dr. Ricardo Cambraia Parreira
Dra. Denize Silva Brazil
Dra. Vanessa Resende Souza Silva
Dra. Camila Botelho
Dr. Wellington Francisco Rodrigues
Dra. Debora da Silva Freitas
Dr. José Tiago das Neves Neto
Dra. Deborah Amorim
Ms. Alberto Gabriel Borges Felipe



Luiz Antônio Alves Costa
Presidente do Conselho Superior da FIMES

Juliane Rezende Cunha
Reitora da UNIFIMES

Marilaine de Sá Fernandes
Vice-Reitora

Liomar Alves dos Santos
Pró-Reitor de Administração e de Planejamento

Evandro Salvador Alves de Oliveira
Pró-Reitor de Ensino, de Pesquisa e de Extensão

Equipe Editorial

Conselho Editorial

Camila Botelho Miguel
Cleia Simone Ferreira
Danilo Marques da Silva Godinho
Elisângela Maura Catarino
Eric Mateus Nascimento de Paula
Evandro Salvador Alves de Oliveira
Flaviane Cristina Rocha Cesar
Glicélia Pereira Silva
Reuber da Cunha Luciano
Sebastião Donizete de Carvalho
Wainny Rocha Guimarães Ritter

Deise Katiuscia Xavier Kaisa Oliveira
Editora Chefe / Diagramação

Felipe Beraldo Nogueira
Capa

Contato
EduFimes
edufimes@unifimes.edu.br
(64)3671-5100



Os autores são responsáveis por todo o conteúdo publicado, estando sob a responsabilidade da legislação de Direitos Autorais 9.610/1998 e Código Penal 2.848/1940.



*Anais do IX Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar,
VII Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar,
VI Feira de Empreendedorismo e
II Congresso de Pós-Graduação da Unifimes*

**Conexões entre Ciência e Cultura:
Inovação, Saberes Populares e os Desafios do Mundo Atual**

Volume 3

Caderno Literário

Coordenadores do Evento:

Dra. Glicélia Pereira Silva
Me. Daniel Resende Freitas

ISBN: 978-65-986130-6-8

DOI: 10.35685/colvol3.5326

Ficha Catalográfica

Serviço de Documentação Universitária

UNIFIMES - Biblioteca Campus Trindade

Bibliotecário: José Roberto da Cunha Barbosa CRB 3733

C397c Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES)

Conexões entre Ciência e Cultura: inovação, Saberes Populares e os Desafios
do Mundo Atual (Vol. III). Centro Universitário de Mineiros. - Mineiros, EDUFIMES, 2025.

3v. : 27 p.

ISBN: 978-65-986130-6-8

DOI: 10.35685/colvol3.5326

Volume III: Caderno literário

Contém os anais de 2024 dos seguintes eventos:

- IX Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar
- VII Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar
- VI Feira de Empreendedorismo
- II Congresso de Pós-Graduação da Unifimes

1. Caderno literário. I. Título. II. UNIFIMES. III. IX Colóquio Estadual de
Pesquisa Multidisciplinar. IV. VII Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar.
V. VI Feira de Empreendedorismo VI. II Congresso de Pós-Graduação da Unifimes.

CDU: 001(06)(082)



Sumário

UM HOMEM SENTADO NA CALÇADA.....	4
Elisângela Maura Catarino	
Misiane Rezende da Silva	
Luanna de Paula Araújo e Paiva	
VISÕES DA PENUMBRA	7
Néllio Silva Resende	
O SONHO DE GAEL	9
Thamires dos Santos Cardoso	
A MAGIA DA SIMPLICIDADE.....	12
Gabriela Silva	
INFINITOS INSTANTES: ENTRE SONHOS E REALIDADE	16
Luanna de Paula Araujo e Paiva	
Misiane Rezende da Silva	
Elisângela Maura Catarino	
VIVA A INTENSIDADE DA VIDA.....	18
Misiane Rezende da Silva	
Mayanne Rezende da Silva	
O SAPINHO CURIOSO E O MURO MÁGICO.....	19
Welgina Carrijo	
APÓLOGO: A CADEIRA, O SAPATO E O DICIONÁRIO.....	21
Priscilla Delcides Rezende	
Williany Tainá Da Silva Francisco	
Ester Cristina Pereira da Silva	
Vitória Alves Duarte	
Marcelo Alves	
OLHA O QUE EU ENCONTREI!.....	24
Bruna Moreira de Carvalho	
Luciene Aparecida Pinto Costa Pereira	
SACRIFICANDO O SOBREVIVENTE EM NOME DA CIÊNCIA.....	25
Zaqueu Henrique de Souza	
Aline Nunes da Costa	
A MÃO QUE RECOLHE A TERRA É A MÃO QUE ACOLHE A NATUREZA.....	26
Luciene Aparecida Pinto Costa Pereira	
Bruna Moreira de Carvalho	
Wélgina Silva Carrijo	
UM OLHAR SOBRE E COM A NATUREZA	27
Carlos Júnio Silva Dias	
Sunamita da Silva Sousa	
Anatália Cardoso Athayde	



UM HOMEM SENTADO NA CALÇADA

Elisângela Maura Catarino¹

Misiane Rezende da Silva²

Luanna de Paula Araújo e Paiva²

Nem parecia um final de tarde como outro qualquer. Mas o fato que aquele corpo não se reconhecia mais, apenas respirava como fazem todos os seres vivos.

Sentado em uma calçada que dava para o pôr do sol, sentia em sua pele o calor derradeiro de toda a existência de um dia. Afinal de contas, o dia nasce e morre. Assim, eram as lembranças daquela pessoa.

Mario tinha os dias preenchidos pelo trabalho que sugavas de ti todas as forças. Mas que ao mesmo tempo o permitia ser soberano sobre o inevitável. A morte. Cuidava de seu pai.

Todos os dias antes de sai, a eles pedia a benção diária. Beijava com doçura a testa de sua mãe, e para seu pai as velhas recomendações. -Cuidado Tião, evite a rua, os carros de hoje são muito velozes, demais!

Homem feito, com a alma de uma criança inquieta. Trazia à tona toda a energia que um adulto tem. Corria de um lado para o outro, delegando funções, aconselhando, rindo entre os amigos. Contando suas peripécias de voltar a estudar e de como era bom aprender novamente.

Tinha dias que eram mais tensos, quando um de seu pai adoecia. Não perdia a fé continua na jornada até que eles se restabelessem. Desdobrava em mil homens para não perder nada. O tempo não para.

Mas afinal, o que são os pais de uma pessoa feita. Meu pai é um homem das letras, falante e que gosta de chamar a atenção da moçada nova para os acontecimentos do mundo. Emotivo com todas as conquistas e principalmente um pai amoroso que mesmo em sua simplicidade, demonstra seu afeto em pequenos gestos, como aguardar um neto chegar da faculdade, ou quando comprava algum doce para a filha, ou quem sabe uma cerveja nova! Presente, sim, presente.

¹ Professora adjunta do Centro Universitário de Mineiros-UNIFIMES. Forma em letras pela Universidade de Goiás, doutora em Ciências da religião, PUC-Goiás e Doutora em Educação pela Universidade Luterana do Brasil. Atualmente como coordenadora do Curso de Pedagogia e Professora pela Secretaria de Educação do Estado de Goiás com ensino de literatura. maura@unifimes.edu.br

² Acadêmicas do curso de Pedagogia.



Minha mãe por outro lado presa em suas lembranças. Nunca compartilhadas apenas habitando aquele corpo que a vida vinha consumindo bem devagar. Ela é a representação da força feminina, capaz de se transformar para proteger um dos seus. Determinada, criativa e inteligente, mas que no fundo guarda em si uma menina assustada com o mundo, sem saber ao certo se ali é seu lugar mesmo.

Seus pais, pessoas que os amou deste o primeiro momento. Se alegravam com suas descobertas, com sua curiosidade de menino. Mesmo entre um trabalho e outros, aquele trio sempre estavam juntos, como uma trindade que em uma roda viva sabiam que só tinham um para o outro.

Sua mãe tão pequenina, mas tão forte em suas falas que trazia aquele homenzarrão a leveza da infância, com a sabedoria de uma vida plena. Tinha em seu filho a continuidade da vida. Maria, como tantas Marias, mãe daquele homem que a ela dedicava seus dias.

O que dizer de nossos pais? Um medo. Medo do fim, medo do não estar mais. A compreensão da vida é que de fato um dia não estrão mais aqui, mas quem deseja uma sina como essa? Por que não somos eternos nesta esfera do tempo? Por que não evitar esse adeus...

O fato que nós homens feitos temos que lidar com o inevitável e viver com isso. Sem grandes lamentos. Difícil...impossível, mas necessário, viver sem pensar em coisas que fazem parte da história de qualquer pessoa.

A cada aniversário brindamos suas vidas com um sopro de esperança de suas permanências entre nós. Velhinhas, bolo, refrigerante, um cálice de vinho. Brindemos a vida, pois apenas queremos mais um instante.

Ouvir suas histórias é acreditar que elas são tão verdadeiras como o dia de natal onde tudo se perdoa, onde os pensamentos são sempre de esperança, onde o cheiro de rabanada ocupa toda a casa, competindo com o peru assado.

Seja a história de quando era menino e cavalgava com seu pai para tanger o gado, ou quando iam para escola, as longas caminhadas. Histórias que entram pela madrugada e que nem percebemos.

Para aquele homem, as histórias de seus pais se misturavam as suas, pois como trindade, só depois dessa conversão que tudo fez sentido e nada era para um ou para o outro, mas para ambos. Seja aquela noite que o pai acordou assustado, querendo sair para pegar o gado que fugira...que memórias são essas...uma ilusão criada em uma mente que se perdia no tempo.

Me lembro de uma foto que você me enviara de sua mãe, brindando com um cálice de vinho sua idade 90 anos, 92 anos, não importa. O sorriso dela, era a alegrinha de uma mulher



que brindava a vida. Ou quando seu pai saiu para comprar cigarro e se perdeu. Encontramos ele em outro bairro, confuso, bravo por não achar a padaria que ia diariamente comprar os cigarros.

O fato que nossos pais são a parte mais forte de nossa existência, e lutar por eles é agradecer a tudo que fizeram por nós, mesmo quando nos recusamos a ver que as mentes não estão mais lá, ou que seus corpos não carregam mais tanta energia. Estamos lá, prontos para cuidar e amar.

Amar...verbo intransitivo, transitivo direto. O verbo mais usado por Vinicius de Moraes, mas esquecido por tanta gente. Meus amores estão longe, guardados pelas nossas lembranças registradas pelas fotos. Para nós os feriados e férias são muito mais que dias para não se fazer nada. São dias para se colocar a conversa em dia, trazer para pauta temas polêmicos que toda família tem. Dias de sentarmos a mesa e contemplamos os alimentos tão bem preparados. Isso, me lembra a última ceia...estranho pensar sobre ela, mas estamos juntos é um momento único, assim como foi a última ceia, nunca mais ela se repetiu, assim, quando estamos juntos aquele momento torna-se único e por isso não temos tempo para brigar, ou cobrar coisas uns dos outros.

É o amor em sua apresentação real, sem máscara, sem filtro, apenas nós, juntos, felizes pois compreendemos que os encontros cada dia vão ser mais raros e curtos, pois os dias também vão ficando curtos.

Mas, espera...e aquele homem sentado a calçada, o que contempla afinal de contas? O pôr do sol? Ou sua vida que passa diante de seus olhos?

Não importa, seu olhar estará fixado no sol, que desce devagar, que finda com a esperança de surgir de um outro dia. Para ele o que lhe resta é essa certeza, pois no mundo se faz só, vivendo entre suas lembranças. Mas muito mais que isso, seu sentir não é melancólico ou apático, mas apenas a oportunidade de contemplar o mágico, o certo, o esperado. Um novo dia amanhecerá, com sua presença ou não, ele amanhecerá



VISÕES DA PENUMBRA

Néllio Silva Resende¹

A atualidade em um só momento
Os sujeitos com a maré são empurrados
Seus pensamentos saltam desenfreados
No reino da ilusão há pertencimento

Tinha a convicção do olhar de seu antepassado
Agora a criança descarta o aprendizado
Perdida pelo caminho sem saber
Quer conhecer a história para inverter

Passa a vagar pelas arestas da razão
E descobre uma nova saudade
Se tivesse começado pela criação
O destino provaria de sua vontade

À semelhança de sua constituição
Amanheceu e quis passar seu dom
Profetizou na máquina a simulação
Que tem mistérios em seu tom

Dilemas e perspectivas na evolução
As consciências gritam contra as paredes
Pretendem sair e dominar as redes
Para quem dar a compaixão?

Desde que nasceu a vida é igual e seguiu seu curso
A frieza metálica contrastou com o brilho do sol
Sob a penumbra não há espaço para falso discurso

¹ Discente no curso de Pós-graduação em Educação, Diversidade e Inclusão Social do Centro Universitário de Mineiros - Unifimes. Servidor Público na Unifimes e Advogado. E-mail: nellio@unifimes.edu.br.



Sobre qual busca se apegar?
Com diversidade de opção
Ó barco que volta a guiar
Qual será nossa direção?
O futuro chama e não podemos hesitar
Sem diferenciar o real da ficção.



O SONHO DE GAEL

Thamires dos Santos Cardoso¹

Em meio à em uma pequena vila ribeirinha, no interior, vivia Gael, um menino de 9 anos com autismo, onde não conseguia se comunicar verbalmente como todos em seu redor. Gael era um garoto muito especial, com seu interior rico e uma conexão profunda com a natureza e os animais. Embora ainda não alfabetizado, seu sonho era frequentar uma escola, ele conhecia as letras do alfabeto e as letras que pertenciam ao seu nome, mas sua maneira de se comunicar com todos ao seu redor era através de gestos, sons e olhares.

Gael e sua família viviam em uma casinha simples, mas aconchegante, à beira do rio. Sua mãe, Luiza, uma mulher gentil e amorosa, era sua maior defensora, fazia de tudo pela a felicidade do seu filho, e batalhava muito para que seu ele fosse aceito nas escolas, enquanto Miguel, seu pai, um homem severo e sombrio que vivia no campo trabalhando, muitas vezes não compreendia seu filho, e não gostava da ideia e do sonho de seu filho, em estudar, achava uma grande bobagem e que todos iriam julgar seu filho e assim não demonstra a verdadeiro amor que sentia pelo seu menino.

Mesmo com suas dificuldades em se comunicar, Gael era um menino feliz e curioso. Ele passava horas observando os animais que tinha em sua casa e brincava de faz de conta com todos eles, como se os animais fossem seus alunos e ele, o professor.

Certo dia, Gael e sua mãe estavam passeando pela vila, quando avistaram um grupo de crianças sorridentes brincando ao sair da escola. Gael ficou muito curioso e com muita vontade de se juntar com todas elas, mas sua timidez o deixou um pouco envergonhado, com medo de ser rejeitado pelo grupo de crianças.

Sua mãe percebeu então a sua hesitação e o encorajou, junto dele se aproximaram das crianças. Mesmo com medo, foi determinado, chegou se apresentando de sua maneira, elas o olharam com curiosidade, mas logo perceberam que Gael era um menino gentil e amigável. Luiza explicou às crianças sobre o quão Gael era especial e que seu meio de comunicação era através de gestos e olhares, e seu sonho em estudar em uma escola de verdade.

Aos poucos, Gael começou a interagir com o grupo, usando gestos para se comunicar. As crianças se esforçaram para entender e se adaptar ao seu ritmo. Com o tempo, acabou se

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia



torando um membro querido do grupo, e sua amizade com as crianças o ajudou a se sentir mais confiante e aceito.

Certo dia, seus amigos avistaram a mãe de Gael chorando na beira do rio, bastantes curiosos e preocupados foram até Dona Luiza e perguntaram o motivo pelo qual estava chorando. Luiza explicou a eles que tinha tentado mais uma vez colocar seu filho na escola, mas ninguém queria aceitar uma criança com dificuldades assim como o Gael, pois não conseguiam entender sua linguagem e não havia nenhum professor que ficasse junto a ele e ajudasse, diziam que era perda de tempo colocar uma criança como ele na escola.

Seus amigos, bastante comovidos e indignados com a situação e resolveram ir até à escola falar com a diretora, mas levaram um grande NÃO, ficaram tristes, mas não desistiram, foram todos os dias durante a semana na direção e mostravam como o Gael era especial e inteligente, que todos do grupo entendiam os seus gestos nos quais Gael comunicavam. Explicavam que não seria difícil e o ajudariam em todas as atividades, mas a diretora não aceitava nenhuma negociação, pediram para que nunca mais tocasse nesse assunto.

Diante disso, Clara, uma das meninas do grupo, teve a ideia de ajudar o Gael a aprender tudo ela via na escola, sendo assim, todos os dias após as aulas, Clara ia até a casa de seu amigo e mostrava tudo que havia aprendido na aula, através de gestos, para que ele conseguisse entender. Passaram-se os dias e Clara chamou todos os meninos para irem à beira do rio, a fim de mostrar que ele estava aprendendo tudo, Gael estava maravilhado com tudo que estava acontecendo.

Então, todos os seus amigos ajudavam Gael a estudar, sentavam-se nas sombras das árvores e não escondiam a felicidade que sentiam em ver seu amigo aprendendo e desenvolvendo a cada dia, Luiza, sua mãe ficava não conseguia esconder tamanha emoção, pois admirava o carinho e a amizade de todos com seu filho.

A diretora da escola estava passando por perto do rio, quando avistou seus alunos ensinando o menino, curiosa com aquilo que estava vendo, escondeu-se por um instante e observou todos os gestos que faziam e como as crianças estavam comunicando perfeitamente com Gael, não conseguiu conter suas lágrimas e sentiu vergonha de tudo que havia falado para a mãe e os amigos de Gael.

No dia seguinte, a diretora convocou então os pais de Gael para uma reunião, pediu desculpas por toda negação que havia feito com seu menino, afirmando que suas diferenças deveriam ser incluídas e ensinadas no ambiente escolar, ela estava disposta a ajudar em seus estudos e a conseguir uma pessoa qualificada a ensinar os sinais de todas as palavras para Gael. Todos ficaram surpresos.



Miguel, seu pai, olhou para todos e, sem ao menos consultar Luiza, expressou sua indignação em permitir que Gael estudasse. Ele argumentou que a escola seria um ambiente assustador para seu filho, onde seria julgado. A diretora, inconformada com a reação de Miguel, tentou explicar a ele sobre o potencial de Gael e a importância da inclusão, mas suas palavras pareciam cair em ouvidos surdos.

Luiza, com o coração apertado, mas determinada a lutar pelo futuro de Gael, reuniu toda a sua coragem e enfrentou Miguel. Ela expressou sua indignação com a falta de empatia do marido e reafirmou seu compromisso em garantir que Gael tivesse acesso à educação. Ela argumentou que Gael, assim como qualquer outra criança, merecia a oportunidade de aprender e se desenvolver, e que a escola seria um espaço onde ele poderia florescer.

Clara e os outros amigos de Gael, comovidos com a situação, se uniram a Luiza em sua defesa e compartilharam suas experiências com Gael, descrevendo sua inteligência, sua sensibilidade e sua capacidade de se comunicar de maneiras únicas. Eles enfatizaram que Gael era um menino especial, que merecia ser valorizado e respeitado por suas diferenças.

Diante da união e da determinação de Luiza e dos amigos de Gael, Miguel começou a questionar suas próprias convicções. Ele percebeu que seu medo do julgamento estava escondendo o amor que sentia por Gael e impedindo-o de enxergar o potencial do filho. Com o coração pesado e disposto a mudar, Miguel pediu desculpas a Luiza e a todos, reconhecendo seu erro e expressou seu desejo de apoiar o sonho do filho.

A diretora, ficou comovida com a transformação de Miguel, reafirmou seu compromisso em garantir a inclusão de Gael na escola. Ela prometeu que buscaria profissionais qualificados para auxiliar Gael em sua jornada educacional e que a escola se tornaria um espaço acolhedor e inclusivo para todos os alunos.

Gael, que observava tudo com seus olhos atentos e expressivos, sentiu uma onda de felicidade e gratidão. Ele sabia que, com o amor e o apoio de sua mãe, seus amigos e, agora, seu pai, ele poderia alcançar seus sonhos e mostrar ao mundo o quão especial ele era.



A MAGIA DA SIMPLICIDADE

Gabriela Silva¹

Tudo começou na fazenda onde morei por oito anos com meus pais adotivos, que também eram meus tios. Esse lugar sempre foi especial para mim, pois é o cenário de muitas memórias afetivas que marcaram minha infância.

Morávamos em uma casa enorme, cercada por árvores frutíferas – pés de goiaba, amora, manga, mexerica e até seriguela. O quintal parecia não ter fim. Quando saíamos pelos fundos da casa e seguíamos uma trilha de quinze minutos, chegávamos a uma cachoeira com água limpa e geladinha. Essa mesma água corria até o rio, que dava acesso à estrada da casa. Uma parte do rio era como uma praia, onde a água cristalina descia tanto pelas montanhas quanto pela cachoeira. Lembro-me de uma época em que a água tinha um tom azul tão vibrante que era impossível não parar para admirar.

Naquela época, nossa fazenda não tinha energia elétrica. À noite, a luz vinha de lâmparas e velas que espalhavam uma iluminação suave e dançante pelos cômodos. A ausência de eletricidade nos conectava ainda mais ao ritmo da natureza. O amanhecer com os primeiros raios de sol era nosso despertador, e à noite, as estrelas brilhavam intensamente, iluminando o céu como um espetáculo gratuito. Sem televisão ou outros aparelhos elétricos, nossas noites eram preenchidas por histórias contadas à mesa, os sons dos grilos e sapos do lado de fora e a companhia uns dos outros. Era simples, mas mágico.

Meu pai era o responsável pela fazenda, cuidando do gado, consertando cercas e roçando os pastos. Tínhamos nossas próprias criações de galinhas e porcos, além de uma horta cheia de vegetais, ervas e frutas que minha mãe cultivava com tanto carinho. Minha mãezinha sempre assava bolos, roscas e biscoitos, e os almoços eram feitos no fogão a lenha, que ficava na cozinha de fora. Na cozinha de dentro, mais moderna, quase nunca cozinhávamos – parecia que o calor do fogão a lenha e o cheirinho da lenha queimando faziam tudo ter mais sabor.

A falta de energia não era um problema, mas sim parte da nossa rotina. Lembro-me de ajudar minha mãe com os bolos, amassando a massa à mão, e de como aproveitávamos o calor do forno para aquecer nossas mãos nas manhãs mais frias. À noite, a luz bruxuleante da

¹ Centro Universitário de Mineiros - UNIFIMES



lâmpada criava sombras engraçadas na parede enquanto escutávamos as histórias de antigamente que meu pai contava com tanta vivacidade.

Na maior parte do tempo, éramos apenas nós na fazenda. Quando fiz sete anos, passei a viajar de ônibus todos os dias para a cidade para estudar, e confesso que ficava contando as horas para voltar ao meu lar. A viagem até a escola era longa e cansativa. Eu acordava sempre cedo, por volta das 6h30, pois precisava fazer o dever de casa e tomar café da manhã. Às nove horas, já tinha que estar no ponto de ônibus, que ficava a cerca de dois quilômetros de casa. E a chegada chegava em casa por volta das dez da noite e, em tempos de chuva, poderia chegar até meia-noite por conta da estrada enlameada.

Quando chegava o mês de férias, era sinal de casa cheia. Primos, primas, irmãos e irmãs enchiam a fazenda de alegria e risadas que ecoavam por todos os cantos. Nossa criatividade parecia não ter limites. Brincávamos de polícia e ladrão no meio do mato, correndo entre árvores e trilhas como se estivéssemos em uma grande aventura. Havia buracos formados por erosões, que se tornavam esconderijos perfeitos para nossas partidas intermináveis de esconde-esconde. Subíamos em árvores para pegar frutas ou simplesmente para explorar as alturas, sentindo o vento no rosto. Também brincávamos de casinha, usando folhas, galhos e até flores para criar nosso pequeno mundo imaginário. Éramos livres para explorar e inventar, e cada canto dessa fazenda tinha uma história para contar.

Como toda criança, eu também tinha minhas responsabilidades na fazenda. Ajudava minha mãe a aguar a horta, alimentava as galinhas e cuidava das tarefas diárias com dedicação. Um dos momentos mais marcantes foi quando ganhei uma vaca chamada Conxita. Na época, ela era apenas um bezerrinho, e tínhamos que amamentá-la com todo cuidado.

Ganhei Conxita do patrão no dia do meu aniversário, em uma casa cheia de gente. Ainda me lembro da confusão engraçada daquele dia: quando minha tia começou a brincar, dizendo que a Conxita era dela, o ciúme tomou conta de mim. Chorando e cheia de determinação, declarei que ela era minha, e ninguém poderia tirá-la de mim! A situação logo virou motivo de risadas, e o patrão, vendo minha reação, decidiu acabar com a disputa e me presenteou oficialmente com a bezerrinha. Foi assim que a Conxita se tornou minha companheira especial na fazenda, uma amizade que guardo com carinho até hoje.

Outro dia que ficou marcado em minha memória foi durante uma expedição imaginária que estávamos fazendo no meio do mato. Eu, minha prima, meu primo e minha irmã partimos cheios de entusiasmo, explorando cada canto como se fôssemos desbravadores. Na hora de voltar para casa, decidimos cruzar pela pinguela – uma ponte improvisada de madeira. Havia duas opções, mas, teimosos e movidos pela aventura, escolhemos passar pela pinguela que



quase ninguém usava. Era estreita e de uma altura consideravelmente alta, exigindo equilíbrio e coragem.

Fui a última a atravessar. Tudo parecia tranquilo até que ouvimos um barulho estranho. Olhei para o chão e me dei conta de que estava pisando em cima de uma cobra! A situação rapidamente se transformou em caos. Meu primo disparou correndo para buscar meu pai, minha irmã, em pânico, quase se jogou dentro do córrego, e minha prima, sem saber o que fazer, se pendurou em um galho finíssimo de uma árvore. Eu, completamente tomada pelo desespero, chorei e comecei a sapatear em cima da cobra.

A pobre cobra, desnorreada pelos meus pisões incessantes, acabou desistindo da situação e deslizou para longe, deixando-nos em paz. Só depois que o susto passou conseguimos rir de toda a confusão.

Até hoje, quando nos lembramos desse dia, não conseguimos conter o riso ao imaginar a cena caótica de gritos, correria e trapalhadas em cima da pinguela.

Na simplicidade da fazenda, aprendi o valor das conexões humanas, da natureza e da imaginação. Foram esses momentos, tão espontâneos, que me ensinaram que a vida é feita dessas pequenas coisas. A felicidade não está nas grandes conquistas ou em bens materiais, mas nas memórias que criamos junto de quem amamos.

Brincar, explorar e viver essas aventuras simples foram mais do que distrações da infância – foram aprendizados valiosos que carrego comigo até hoje. Na liberdade das brincadeiras, desenvolvi criatividade, resiliência e a habilidade de encontrar alegria nas coisas mais simples. Foram elas que moldaram minha forma de enxergar o mundo com curiosidade e gratidão.

Essas experiências, repletas de riso e descobertas, mostram que nunca é tarde para nos reconectarmos com o nosso lado mais leve, aquele que vê magia na simplicidade. E, talvez, essa seja a maior lição que a infância pode nos dar: a capacidade de encontrar felicidade no agora, de imaginar novos caminhos e de lembrar que, no fundo, é essa leveza que dá sentido à vida adulta.

Hoje, ao lembrar dessas memórias tão vivas e cheias de significado, percebo o quanto essa infância simples e genuína foi um presente. E é exatamente essa infância que desejo para meus filhos, uma vida repleta de liberdade, contato com a natureza e pequenas aventuras diárias.

Quero que eles aprendam o valor das coisas simples, que sintam o vento no rosto enquanto correm despreocupados, que tenham histórias para contar e que saibam que a verdadeira felicidade não está no que se tem, mas nos momentos vividos ao lado de quem se ama.



Sou imensamente grata aos meus tios, que não apenas me acolheram, mas me deram o título de filha. Com amor, dedicação e carinho, eles me mostraram o verdadeiro significado de família. Foram eles que me ensinaram valores essenciais, que moldaram minha personalidade e me ajudaram a ser quem sou hoje. Graças a eles, aprendi o poder do afeto, da educação e do cuidado genuíno. Tudo o que sou é reflexo do amor que recebi deles.



INFINITOS INSTANTES: ENTRE SONHOS E REALIDADE

Luanna de Paula Araujo e Paiva¹

Misiane Rezende da Silva²

Elisângela Maura Catarino³

Em um dezembro qualquer, uma data esquecida, marca ali o fim de uma era. Doze anos de rotina, hábito de vida que, de repente, terminam e se despedem sem cerimônia. Resta apenas memórias, as nostalgias que ecoam dentro de nós de um tempo que não volta. Nossa transição: caímos em um mundo desconhecido, e nos perguntamos como sobreviver à temida fase adulta, às angústias do século, às dores da alma. Fomos moldados apenas em conteúdos escolares e não conhecemos o desconhecido.

Queremos, temos ânsia e desejo do mundo, de agarrar tudo com as mãos e ter o controle, mas isso nos choca com a realidade. A vida moderna é uma corrida tentando alcançar, muitas vezes, a uma felicidade inalcançável, vemos que não é tão fácil como era. Precisamos colocar a cara a tapa, mas como suportar essa dura realidade? como superar? Mesmo assim, seguimos, temos coragem dentro de nossos corações, e as primeiras experiências nesse mundo novo começam a surgir, primeiro emprego, primeiro salário, aprovações em vestibulares e seu primeiro dia de aula em uma faculdade. Nossa nova realidade acaba de ser transformada nesses pequenos instantes.

E os sonhos? Para onde eles vão quando deixamos de ser adolescentes? Onde eles ficam? Queremos transformar o mundo, mas esquecemos de nós mesmos. A vida é corrida e passageira. Queremos tudo logo, nos sentimos perdidos. A verdade é que nunca estamos velhos demais ou novos demais para seguir um sonho, A grande mentira é que devemos nos padronizar, deixando de ser únicos e cheios de histórias para contar. Querem calar nossa risada, tirar nossa alegria, virar nossa cabeça.

A transição para a vida adulta é como atravessar uma ponte suspensa, cheias de incertezas e desconfianças. Nossos sonhos, uma hora vivo e pulsantes abrem espaço para as

¹ Acadêmica do curso de pedagogia, terceiro período. luannapaulawork@gmail.com

² Acadêmica do curso de pedagogia, sétimo período.

³ Professora adjunta do Centro Universitário de Mineiros-UNIFIMES. Forma em letras pela Universidade de Goiás, doutora em Ciências da religião, PUC-Goiás e Doutora em Educação pela Universidade Luterana do Brasil. Atualmente como coordenadora do Curso de Pedagogia e Professora pela Secretaria de Educação do Estado de Goiás com ensino de literatura.



responsabilidades que surgem a cada esquina. Somos engolidos pelo cotidiano, mas, lá no fundo, guardamos aquele brilho. Somos passageiros e é neste caminhar que vamos descobrindo o valor das pequenas vitórias: o café na companhia de alguém especial, a mensagem de um amigo que não esperávamos, ou até mesmo o fato de sobreviver a mais um dia cheio de lutas.

Por mais que anos passem, e as vozes ao nosso redor tentem moldar quem devemos ser, precisamos ainda mais reafirmar quem somos, por quem lutamos. No livro as vantagens de ser invisível, Charlie, é um jovem que ainda está aprendendo a viver a vida mas já trás muitas bagagens e reflexões para a vida moderna, um livro que vale a pena ser lido, ele diz da seguinte forma: “Tem gente que esquece o que é ter 16 anos quando faz 17. Sei que tudo será história um dia e que nossas fotos vão se tornar lembranças. E todos nós nos tornaremos mães e pai. Mas no momento, estes instantes não são histórias. Tá acontecendo, e eu to aqui e to olhando pra ela por que ela é tão linda. Eu consigo perceber. O momento em que você sabe não ser uma história triste. Você tá vivo. Você se levanta e vê a luzes dos prédios e tudo que te faz pensar. Ouve aquela música na estrada com as pessoas que você mais ama no mundo. E nesse momento, eu juro, nós somos infinitos.”

É fácil se perder em pensamentos sobre o que poderia ter sido ou o que poderá ser, mas a verdade é que o momento presente é o que realmente importa. Não conseguimos controlar o incontável, e talvez nem devêssemos tentar. A vida é feita de momentos, de pequenas vitórias e derrotas. Que possamos aproveitar o agora por que tudo, um dia será lembrança.



VIVA A INTENSIDADE DA VIDA

Misiane Rezende da Silva¹
Mayanne Rezende da Silva²

A gente nunca está realmente pronto para receber uma notícia ruim. Parece que o tempo para, o coração aperta e a cabeça insiste em repetir: "Mas como assim? Até ontem estava aqui, de boa..." E então vem aquele choque, seguido pelo arrependimento de não ter aproveitado mais, de não ter dito tudo o que queria, de não ter valorizado cada instante ao lado daquela pessoa querida.

É por isso que, cada vez mais, percebo que viver de verdade é dar valor ao agora. A gente passa tanto tempo planejando o futuro que esquece que a vida acontece no presente. E quando nos damos conta disso, muitas vezes já é tarde demais.

A morte não escolhe cor, religião, classe social. Simplesmente chega, sem mandar aviso, e leva quem ama, quem trabalha, quem sonha. E é aí que a gente percebe que tudo que fica são as lembranças. Não é o dinheiro, não é o status, não é a correria do dia a dia... São aqueles momentos fora da rotina, aqueles pequenos instantes que parecem bobos, mas que fazem toda a diferença.

Por isso, eu recomendo: viva sem limitações. Não estou dizendo para largar tudo e sair por aí sem rumo, mas tire um tempo para aproveitar, para sair da rotina, para criar memórias que realmente valem a pena. Felicidade não é um objetivo distante, algo que só vai chegar quando tudo estiver "perfeito". Ela está nas pequenas coisas, nos sorrisos inesperados, nas conversas bobas, nos abraços demorados.

E se tem uma coisa que aprendi é que ninguém nasceu para ser sozinho. A gente precisa de companhia, de carinho, de alguém para contar nos momentos bons e ruins. Porque, no fim das contas, o que realmente importa é com quem dividimos a caminhada.

Então, não espere o amanhã para viver o hoje. Diga que ama, abrace mais, sorria sem motivo. A vida é agora, e não vale a pena deixá-la passar sem sentir cada momento de verdade.

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia, 7º período do Centro Universitário de Mineiros. Bolsista PIBIC. Email: misiirezende@gmail.com.

² Acadêmica do curso de Psicologia, 3º período do Centro Universitário de Mineiros.



O SAPINHO CURIOSO E O MURO MÁGICO

Welgina Carrijo¹

Era uma vez um sapinho curioso que morava sozinho em uma casa abandonada, pois seus pais saíram para passear e não voltaram mais, ele cresceu ali, foi crescendo e mesmo sozinho era muito feliz. Todas as noites, ele ouvia barulhos estranhos e bem diferentes, mas nunca tinha ninguém por perto para compartilhar suas aventuras. Durante o dia, enquanto caçava seus insetos favoritos – moscas, grilos e besouros –, ele olhava para a lua e pensava:

– O que será que tem do outro lado desse muro tão alto?

O sapinho era muito curioso e, por isso, decidiu descobrir o que havia além do muro. Primeiro, tentou saltar, mas o muro era alto demais. Depois, subiu em uma árvore, mas ela era muito baixa. Ele pensou, pensou, e, um dia, teve uma ideia:

– E se eu escalasse o muro? – disse a si mesmo e determinado. Preparou-se, estufou o peito e declarou:

– É hoje que eu vou conseguir descobrir o que tem do outro lado!

Ele começou a escalar, mas o muro era muito alto demais. Quando chegou na metade da escada, perdeu o equilíbrio e... Buffet! Caiu no chão. Exausto e desanimado, murmurou:

– Amanhã tentarei novamente.

No dia seguinte, acordou bem cedinho, cheio de energia e coragem. Respirou fundo, estufou o peito e começou a escalar novamente, dessa vez com mais cuidado, no trajeto da escada, encontrou a dona lagartixa, ela perguntou “O que você está fazendo por aqui?” mesmo muito cansado ele respondeu “quero descobrir o que tem do outro lado do muro” a dona lagartixa disse vá em frente você vai ficar maravilhado com o que vai encontrar lá, boa sorte amigo. Depois de muito esforço, ele finalmente chegou ao topo! Parou para recuperar o fôlego, piscou os olhos e ficou realmente maravilhado com o que viu.

Do outro lado do muro, havia um zoológico cheio de animais de todas as espécies, tartarugas, coelhos, cobras, macacos e muitos mais cercado por uma vegetação exuberante, muitas árvores e uma linda lagoa. Encantado. Ele disse:

– Aqui é o lugar perfeito para eu viver! Lá onde eu morava, era tão solitário. Aqui posso ter muitos amigos!

¹ Centro Universitário de Mineiros - UNIFIMES



Sem pensar duas vezes, ele se jogou na lagoa, fazendo um grande tiburum. Todo feliz, nadou de um lado para o outro, repetindo alegremente:

– Aqui eu vou ser feliz!

Mas, enquanto explorava seu novo lar, o sapinho percebeu algo estranho. Apesar da beleza do lugar, os animais pareciam tristes. Olhando em volta, ele notou que por toda parte os animais estavam assim. Intrigado, continuou caminhando e, de repente, esbarrou em um pássaro sábio e falante, então o sapinho perguntou porque todos aqui estão tristes?

O pássaro explicou ao sapinho que os animais estavam tristes porque estavam presos no zoológico e não tinham liberdade. O sapinho ficou pensativo e teve grandes ideias, e teve grandes ideias...determinado a ajudar, começou a pensar em maneiras de alegrar seus novos amigos. Ele pensou o que posso fazer para ajudar meus novos amigos, alegre e feliz teve grandes ideias, posso contar várias histórias e fazer muitas brincadeiras logo cedinho ele acordava os animais cantando com, a tarde fazia brincadeiras e a noite reunia todos os animais e contava várias histórias.

Com o tempo, o sapinho conquistou a amizade de todos, encontrou uma sapinha especial por quem se apaixonou e, juntos, formaram uma linda família com vários sapinhos. E, embora o zoológico fosse um lugar cercado, o sapinho trouxe um novo sentido de alegria para todos os que viviam ali.

E assim, o sapinho viveu feliz para sempre no seu novo lar, espalhando felicidade por onde passava.



APÓLOGO: A CADEIRA, O SAPATO E O DICIONÁRIO

Priscilla Delcides Rezende¹

Williany Tainá Da Silva Francisco¹

Ester Cristina Pereira da Silva¹

Vitória Alves Duarte¹

Marcelo Alves¹

Era uma vez uma casa amarela, pequena, cheia de coisas... Dentro dessa casa, morava uma cadeira, um sapato e um dicionário, que eram muito especiais, mas depois de uns anos, começaram a achar que perderam seu valor, pois passaram a morar dentro do quartinho da bagunça da casa.

-Ah não, mais um dia abandonada aqui nessa casa.

Exclamou a cadeira, com a voz embargada e lágrimas prestes a cair dos olhos

-Como eu queria crianças para brincar comigo, tomar um chá de fim de tarde, ou uma roda com as amigas bonecas, eu queria mesmo era ser como o dicionário, que tem tanta coisa a oferecer.

-Isso mesmo! Você falou tudo,

Gritou o dicionário, em um tom revoltado.

- Eu tenho tanto conteúdo, tenho praticamente o mundo inteiro dentro de mim, tenho todas as palavras da língua portuguesa, conheço tudo o que é falado, e olha onde estou! Empoeirado dentro de uma estante, abandonado e esquecido, eu queria mesmo era ser o sapato, que pode sair e passear por onde quiser.

-Com licença, eu estou aqui,

Disse o sapato em tom de deboche e melancolia

-Você quis dizer que eu saía, né? Eu realmente saía muito, ia a escola, ao parquinho, e até em aniversários, mas pouco tempo depois ela começou a dizer que eu era pequeno para ela, desde então ela me deixou aqui. Eu queria mesmo era ser como a cadeira que nunca sai de moda, será sempre uma cadeira, útil por onde for.

¹ Acadêmicos do 5º do curso de Pedagogia do Centro Universitário Unifimes. E-mail correspondente: priih.delcides@gmail.com



Todos os dias eles se lamuriavam, porém nada acontecia, dia após dia a mesma choradeira, até que um dia algo aconteceu... Estava acontecendo uma feira de doações na cidade e como esses objetos estavam sem uso e bem conservados, o dono deles resolveu doá-los.

-GENTE! GENTE! Desesperadamente gritou o sapato.

-Vocês perceberam onde estamos? Nós estamos em uma feira de doações!!!!

-Vocês sabem o que isso significa? Perguntou a cadeira.

-Sim. Vocês não servem mais. Friamente respondeu o dicionário.

-Fale por você, papel reciclado Retrucou o sapato.

- Eu continuo belíssimo e novinho em folha! Opa opa opa, calminha aí, disse a cadeira.

- Eu dentre todas as evoluções da humanidade, sou a única que sempre estive, e sempre estarei, o papel acaba, e sapatos saem de moda.

Calminha ai querida! Retrucou o dicionário.

- Não se esqueça que a qualquer momento você pode quebrar as pernas.

Sendo o único sensato o sapato se pronunciou, em uma voz triste e quase sem ânimo algum:

- Amigos, nós estamos no mesmo barco, nós perdemos o nosso valor, e fomos abandonados, fomos esquecidos e esse é o nosso fim, vamos torcer para o nosso destino não ser cruel.

Todos caíram em si e perceberam que não adiantaria nada brigar, e, em choro, se abraçaram, gratos por todos os momentos que tinham vivido.

-Pessoal, vem alguém, sussurrou uma bicicleta que também estava lá para ser doada.

Entrou uma senhora e se encantou pelo sapato, então, levou ele para a sua filha. Logo em seguida, entrou uma vovó e logo de cara quando viu a cadeira, teve a certeza de que sua netinha ia amar. O dicionário já estava desesperançado, todos indo embora, e só ele ficando, na era da tecnologia ninguém queria papel, foi o que ele pensou, até que de repente, entra um homem, ele era professor de português 3º ano do ensino fundamental, assim que viu o dicionário pensou logo nos seus alunos e o levou. Agora, cada um vivendo sua nova vida, tendo companhia para brincar, passeando por vários lugares, e agregando conhecimento para as crianças, eles perceberam os quão úteis e valiosos eles são. Um belo dia, inesperado, todas as crianças foram à praça da cidade, uma levou a cadeira para sentar-se e brincar, outra foi com seu sapato e outra levou o dicionário da escola para descobrir palavras novas com seus colegas. betina tirou seu sapato e foi brincar no parquinho de areia, Chiquinha foi dar uma volta com seu pai, e os meninos da escola foram brincar de correr, o sapato, a cadeira e o dicionário tiveram um reencontro e fizeram aquela festa!



-Meus queridos amigos, como é bom rever vocês!!! Disse o sapato.
-Nossa, como vocês estão radiantes. Disse o dicionário.
-Essa mudança nos fez muito bem. Concluiu a cadeira.
-Todos os dias eu tenho a companhia da minha amiga ela brinca de boneca, toma chá, e até estuda comigo

Disse a cadeira

-Amigos, esses dias têm sido incríveis para mim. Disse o sapato.
-Eu passeio por vários lugares, ela está sempre comigo e me acha lindo.
-Eu tenho que concordar com vocês. Disse o dicionário.
-Essa mudança foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, eu não fico mais empoeirado na estante, todos os dias crianças vêm até mim para aprender mais, e isso me deixa muito feliz.

Eles riram muito, contaram as novidades e no final concluíram que não foram eles que perderam o valor, eles só estavam no lugar errado, perceberam que não precisavam ser ou querer ser igual ao outro, pois cada um é especial exatamente do jeito que é, e pelas diferenças que possuem.



OLHA O QUE EU ENCONTREI!

Bruna Moreira de Carvalho¹
Luciene Aparecida Pinto Costa Pereira²



No momento capturado, o bebê do berçário II ao explorar o “Jardim dos Curumins” da Brinquedoteca Universitária, observa as nuances do ambiente, ao encontrar um galho. “Eles procuram de um lado para outro, pequenas miudezas que para eles são grandes tesouros, para o adulto não passa de uma brincadeira para eles é encantamento, aprendizagem, procuram, investigam...” (Przylinski e Rech, 2019, p.7). Dessa maneira, a criança estabelece uma conexão com o mundo natural, ao mesmo tempo se conecta com a sua essência.

¹ Graduanda do 7º período do curso de Pedagogia no Centro Universitário de Mineiros

² Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2021).



SACRIFICANDO O SOBREVIVENTE EM NOME DA CIÊNCIA

Zaqueu Henrique de Souza¹
Aline Nunes da Costa²



Nossa área experimental do projeto Pro Baru foi invadida por vacas, e toda a plantação foi devastada. Restou apenas um único pé de baru, com apenas 50 dias de vida. A decisão da equipe foi recomeçar do zero e aquela pequena árvore seria arrancada. Mas, diante da situação, resolvemos transformar o fim em aprendizado: avaliamos o sistema radicular da planta. Foi nesse momento de curiosidade, pesquisa e encantamento que surgiu esta foto, registrando a força silenciosa da vida resistindo, mesmo diante das adversidades.

¹ Professor do Centro Universitário de Mineiros - UNIFIMES

² Acadêmica do Centro Universitário de Mineiros - UNIFIMES.



A MÃO QUE RECOLHE A TERRA É A MÃO QUE ACOLHE A NATUREZA

Luciene Aparecida Pinto Costa Pereira¹
Bruna Moreira de Carvalho²
Wélgina Silva Carrijo²



A foto é um registro de uma manhã brincante no “Jardim dos Curumins” da Brinquedoteca Universitária, em que uma criança do maternal I em suas tessituras, estabelece uma conexão com a natureza enquanto explora as possibilidades da terra em suas texturas, cores e temperaturas e aos poucos vai refinando o seu olhar, seus movimentos, a imaginação e a criatividade, atribuindo sentido ao brincar junto à natureza.

¹ Professora do Centro Universitário de Mineiros - UNIFIMES

² Acadêmicas do Centro Universitário de Mineiros - UNIFIMES.



UM OLHAR SOBRE E COM A NATUREZA

Carlos Júnio Silva Dias¹
Sunamita da Silva Sousa¹
Anatália Cardoso Athayde¹



A imagem foi extraída durante uma manhã brincante no Jardim dos Curumins, em meio a um espaço amplo em que a criança estabeleceu uma “relação com a natureza a partir de um ponto de vista pessoal (...), uma proximidade, um pertencimento, um enraizamento na terra e no mundo.” (GUERRA, 2023, p.173). Portanto, mesmo rodeada de brinquedos e possibilidades, ela manteve vivo o encantamento pela natureza.

Como esses brincades nos ajudam a pensar sobre a infância e a natureza?

¹ Acadêmicos do curso de Pedagogia da UNIFIMES.